

Kédma de Andrade Nogueira de Gouveia

Graduada em Serviço Social, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, ambos pela Universidade Federal do Espírito Santo. Trabalho referente a resultados da dissertação intitulada: “Na teia do alimento orgânico no Espírito Santo”.

kedmanogueira@gmail.com

Artigo recebido em:

21/11/2017

Artigo publicado em:

26/06/2018

A EXPANSÃO DO ALIMENTO ALTERNATIVO AO CONVENCIONAL NO ESPÍRITO SANTO

The expansion of alternative food to conventional food in Espírito Santo.

La expansión del alimento alternativo al convencional en el Espírito Santo.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar e mapear os principais atores da malha de expansão da produção não convencional de alimentos no Espírito Santo (ES) durante o período do fim dos anos 1960 até o fim dos anos 1990, momento que esse alimento era chamado de “alternativo” ao convencional. Para desenvolver a temática, foi realizada busca documental nas organizações históricas, e canal eletrônico (sites), experiência etnográfica com os agricultores nas atuais feiras orgânicas e nos locais de produção dos alimentos. Foram identificados e representados em grafos, os fluxos e trajetos dos agricultores e alimentos no estado e analisado o histórico de instituições que marcaram o desenvolvimento agroecológico no Espírito Santo. Foi dado destaque à Associação de Programa em Tecnologias Alternativas (APTA), Associação de Produtores Santamarienses em defesa da Vida (APSAD-VIDA) e a Associação Chão Vivo.

Palavras-chave: alimentos, agricultura alternativa, feiras orgânicas, agroecológicas, rede

ABSTRACT

This study aims to analyze and map the main actors of the unconventional food production's expansion in Espírito Santo (ES) from the end of 1960 until the end of 1990, when that food was called “alternative” to conventional. In order to develop the study, the research was conducted at historical organizations, websites, through ethnographic experience with farmers, street market and at the farm's production. The farmers and the food's path in the state were identified and represented through graphs. It was also analyzed the historical institutions that highlights in the agroecological development at the state. It has been given emphasis to Associação de Programa em Tecnologias Alternativas (APTA), Associação de Produtores Santamarienses em defesa da Vida (APSAD-VIDA) and to Associação Chão Vivo.

Key words: food, alternative agriculture, street market, networks

RESUMEN

Esta investigación tiene el objetivo de analizar y mapear los principales actores de la red de expansión de producción de alimentos no convencionales en Espírito Santo entre fines de los años 1960 hasta los años 1990, cuando ese tipo de alimento se llamaba “alternativo” al convencional. Para eso, fue realizada una investigación

documental en las organizaciones históricas y sitios en la internet, además de experiencias etnográficas con agricultores en las ferias orgánicas y en los locales de producción. Se identificaron flujos y trayectorias de los agricultores y alimentos en el estado, también fue analizado el histórico de instituciones que marcaron el desarrollo agroecológico en ES, destacando la Associação de Programa em Tecnologias Alternativas (APTA), la Associação de Produtores Santamarienses em defesa de la Vida (APSAD-VIDA) y la Associação Chão Vivo.

Palabras clave: alimentos orgánicos, agricultura alternativa, feria, rede

O ALIMENTO COMO UMA SEMENTE DE RESISTÊNCIA

A semente da produção alternativa à produção convencional, se dá como manifestação de resistência ao discurso desenvolvimentista da década de 1960, que estava como pano de fundo de uma série de práticas devastadoras à vida dos agricultores familiares daquela época.

O padrão de agricultura convencional se intensifica no pós-guerra e culmina na década de 1970 com a chamada Revolução Verde. O discurso da “revolução” incentivava, entre outras coisas, a introdução das monoculturas de exportação, avanços tecnológicos como os fertilizantes químicos e o melhoramento genético que marcam a entrada de ideias industriais no campo, e de fundamentos de uma sociedade baseada na produção em larga escala de alimentos, mudanças essas que trazem reflexos diretos a vida do agricultor.

O trabalho de Raquel Daré (2012) apresenta o contexto rural do período de 1960 e 1970 no Espírito Santo levando em consideração um importante debate sobre a “crise” do café no estado, e o atraso da

agricultura familiar ter como estratégia para a implantação do discurso desenvolvimentista do ES. A autora apresenta as consequências desse discurso a partir da concentração fundiária, da perda de diversidade, do esvaziamento das áreas rurais, da concentração urbana e industrial na Grande Vitória e o empobrecimento do solo com o uso de “técnicas baseadas no modelo mecânico-químico-biológico da Revolução Verde” como os insumos químicos, agrotóxicos, e sementes geneticamente modificadas (DARÉ, p. 199, 2012).

É nesse cenário que Sales (2009) apresenta experiências pontuais, significativas para a construção de um ideário alternativo ao discurso desenvolvimentista na região Norte do ES. Um exemplo é a Associação de moradores de Nova Esperança- São Mateus, fundada em 1970, que desenvolve em 1972 uma escola que ajudou mais de 500 crianças em situação de risco social, entre as atividades realizadas pela escola estava o cultivo de hortas para estimular o consumo de alimentos saudáveis de famílias de bairros carentes.

Tal iniciativa contribuiu para a disseminação da agro-



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2018
ISSN 2175-3709

ecologia na região como uma oportunidade de troca de experiência entre os professores, os pais dos estudantes, agricultores e as crianças e adolescentes beneficiados pelas práticas da horta na escola.

Já na região serrana, sudoeste e central do Espírito Santo, nos municípios Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, Santa Leopoldina, Domingos Martins, a Igreja Evangélica da Confissão Luterana do Brasil (IECLB) foi pioneira nas atividades agroecológicas estimulando diversos projetos na área da saúde. O público alvo destes projetos, eram os agricultores convencionais, descendentes de pomeranos, que seguiam a orientação da produção de monoculturas, coerentes com o discurso desenvolvimentista da Revolução Verde. O alcance aos agricultores se deu através de palestras, programas, projetos, que alertavam acerca do manuseio dos agrotóxicos na produção dos alimentos.

No sul do estado, vale ressaltar a prática de um “hortão comunitário”, que alimentou diversos abrigos, hospitais, escolas, e moradores de Cachoeiro de Itapemirim.

A discussão teórico-metodológico que dá suporte para a reflexão do movimento dos atores coletivos da malha, perpassa por repensar a geografia no centro do debate sobre o homem, o espaço e o ambiente e pensar nas relações essenciais que ligam tais elementos no contexto da pesquisa. A geograficidade do homem é tratada por Dardel (2011) como o modo de sua existência e de seu destino em

relação com a terra, e nesse caso, estendemos para a sua relação com o alimento.

A metodologia da pesquisa se deu através do trabalho de campo, com diversas idas as feiras orgânicas da Região Metropolitana da Grande Vitória, assim como reuniões em instituições governamentais, e a realização das ferramentas de observação participante, e entrevistas semi-estruturadas. Foram entrevistados agricultores, funcionários de associação da sociedade civil, assim como de organismos públicos.

As atuais feiras orgânicas e agroecológicas foram escolhidas como o ponto de partida para a pesquisa, pois entendo que o cenário de produção e comercialização é composto por um número de agricultores que já estavam presentes no começo histórico da agricultura alternativa a tradicional no estado, os princípios da agroecologia no ES.

Decidiu-se partir da proposta de seguir o alimento a partir da feira orgânica de Jardim Camburi e deixar que ele apresentasse os atores que envolvem o seu processo de produção, tomando como princípio teórico a perspectiva de Tim Ingold (2012), Dardel (2011), e Saada (2005) que sustenta a importância de deixar-se ser afetada pelo campo de pesquisa. O alimento neste trabalho, portanto, é uma coisa central, não apenas um objeto.¹

Atenta-se para seguir o alimento orgânico como uma trama formada pelos diversos atores, ligar pontos, compreender conflitos. O alimento

1 - Por coisa, se entende neste trabalho, um emaranhado de relações que envolvem o objeto que está vivo e por isso possui uma história. “A árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais. É isso que entendo por coisa”. O alimento, assim como a árvore é aqui percebido como uma coisa que “é um ‘acontecer’, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (INGOLD, 2012, p. 29).

faz viagens do local de produção para as feiras, e reconta histórias dos atores envolvidos no processo. “Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião” (INGOLD, 2012, p. 28-29), um conjunto de fios que representarão a vivacidade da coisa observada, neste trabalho, o primeiro lugar de movimento que o alimento sugere é a feira.

Ingold (2001) busca no trabalho do geógrafo sueco Torsten Hägerstrand (1976) mais elementos para questionar a composição do ambiente. Este imaginou cada elemento constituinte do ambiente – humanos, animais, plantas, pedras, prédios – como tendo uma trajetória contínua de devir. A partir das concepções de tempo e espaço na trajetória das coisas apresentada por este autor, “a grande tapeçaria da natureza tecida pela história” é um campo não de pontos interconectados, mas de linhas entrelaçadas (INGOLD, 2001, p.39). “Um ambiente é aquilo que cerca alguma coisa, mas não se pode cercar nada sem envolvê-lo” (INGOLD, 2001, p. 38).

Inspirada na concepção de Ingold (2012) entende-se que a coisa não é um objeto a ser estudado, situado no mundo, apenas. Mas faz parte de um nó, cujos fios deixam rastros, que podem ser seguidos. Esses rastros se entrecruzam, se transformam, e formam em novas relações. Nas palavras do autor: “as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas” (INGOLD, 2012, p.29).

HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ALTERNATIVOS AO CONVENCIONAL NO ESPÍRITO SANTO

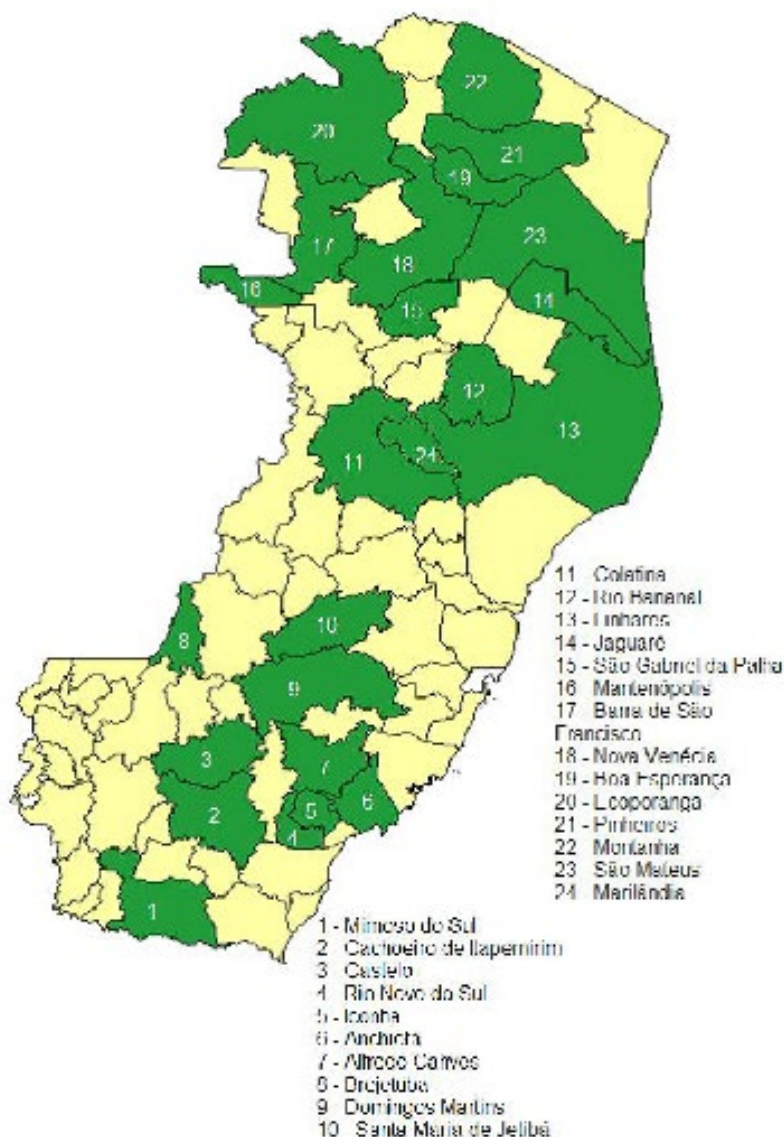
No fim dos anos 1960, a atuação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) se dá através da inauguração das Escola Família Agrícola (EFA) nos anos 1968 no sul do estado em Alfredo Chaves, Anchieta, Rio Novo do Sul, e em 1975, inaugurado em Iconha. No norte do estado, nas regiões de Boa Esperança, São Mateus, Jaguaré, São Gabriel da Palha as EFAs são inauguradas também em 1975, contendo o mesmo e princípio da pedagogia da alternância.

AS EFAs fazem parte do marco da produção alternativa no estado, sobretudo, devido a pedagogia da alternância, que incentivava a educação no campo com as famílias das crianças, diminuindo o êxodo rural dos jovens agricultores. No estatuto do MEPES, no art. 1º, o movimento é apresentado como inspirado pelos ensinamentos cristãos e tem como objetivo, segundo o art. 4º, a integração do campo e cidade. Denominava-se uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos. Atualmente, as EFAs recebem repasse de recursos públicos para manutenção das escolas.

Diversos produtores associados e individuais que possuem filhos próximos a uma EFA, optam por esse ensino pois com a pedagogia da alternância, o filho pode continuar trabalhando na agricultura junto com os pais como parte



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES
Janeiro-Junho, 2018
ISSN 2175-3709



2 - Em 2001, foi criado o conselho regional dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA's) direcionado para jovens do campo, que culminou em 2003 na Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo (RACEFFAES). A RACEFFAES participou no III Fórum Social Mundial, principalmente relacionado a temática "sementes: patrimônio da humanidade". A RACEFFAES é uma entidade civil sem fins lucrativos, de caráter educacional. Está a serviço das associações dos Ceffas e tem por finalidade promover a unidade político-pedagógica, no sentido de garantir a manutenção dos princípios filosóficos e pedagógicos da alternância e a administração dos Ceffas pelas famílias dos agricultores. (SALDANHA; ANTONGIOVANNI, SCARIM, 2009, p.155)

Fonte: Zanoni (2014). Nota: Elaborado pela Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo (RACEFFAES).²

integrante da educação. Muitas crianças e adolescente vão para as feiras ajudar os pais, principalmente por causa do domínio da língua portuguesa, já que os produtores mais antigos não têm facilidade com a língua.

O movimento embrionário alternativo no ES, portanto, tem um caráter de resistência marcado pela intervenção educacional através da pedagogia da alternância – nas EFAs. Entende-se que este projeto impulsionou o trabalho da agricultura familiar a partir da presença dos filhos em

casa e na expansão de práticas agroecológicas, assim como apontado por Sales (2009). Acima, vê-se o mapa das EFAs no Espírito Santo.

A partir de 1980, o cenário brasileiro e também estadual, de fome e insegurança alimentar, fomentou o abastecimento alimentício das cidades e provocou o surgimento de diversos movimentos, instituições, associações, federações e produtores individuais de alimentos alternativos a produção convencional.

A Igreja contribuiu, neste sentido, principalmente na advertência e no apoio aos agricultores para aderirem a novos métodos de cultivo. Aos poucos esses agricultores começaram a produzir de maneira alternativa, e se relacionam com outros atores, para conquistar espaços de comercialização destes alimentos. A Comissão Pastora da Terra (CPT), desde sua atuação no ES, assume caráter ecumênico, no apoio e incorporação de outras igrejas cristãs como a Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil (IECLB); juntas as entidades religiosas incentivaram os pequenos produtores na expansão das feiras na Região Metropolitana da Grande Vitória.

A IECLB está presente desde as primeiras ações da Associação de Programa em Tecnologias Alternativas (APTA) no ES. Podemos destacar a Assistência técnica, assessoria na elaboração de projetos, e estímulo à produção agroecológica em grande parte das atividades da IECLB como oriundos desta relação entre ambos atores.³

Por já estarem estabelecidas em alguns lugares do ES, as EFA's foram um apoio importante para os projetos desenvolvidos com os agricultores pela IECLB, aliados fundamentais principalmente das famílias pomeranas⁴, residentes da região serrana, sudoeste e central do ES.

Duas experiências agroecológicas estavam acontecendo também no Sul do ES na década de 1980. Em Cachoeiro do Itapemirim, foi criado em

1983, pelo engenheiro agrônomo Nasser Youssef, o Hortão Capixaba, também conhecido como Hortão Municipal, no mandato do ex-prefeito Roberto Valadão. A iniciativa foi realizada para subsidiar a merenda escolar do município, hospitais, abrigos para idosos, e também para alimentar famílias em risco social. A experiência alcançou mais de 9 mil pessoas, sendo considerada recorde na produção de *citrus* no país.

A experiência foi caracterizada por Wolff (1995) como “a mais nova corrente da agricultura ecológica”, e o autor chama-a de Agricultura Nasseriana, comparando a outras diversas agriculturas alternativas, dando ênfase a suas especificidades. O Hortão foi um marco nas experiências agroecológicas da época, e atualmente não está mais em execução na região.⁵

No final dos anos 1980, outra experiência em destaque no sul do estado, foi a criação do grupo Kapi'xawa, em Alegre. A iniciativa foi conduzida por estudantes e professores da Universidade Federal do ES e atuava no beneficiamento e implantação de técnicas inovadoras no incentivo à agricultura alternativa. A partir de 2007 o grupo passou por um momento de transição, tendo uma baixa frequência no número de membros e por consequência, nas atividades realizadas pelo grupo. Em 2009 o grupo retoma as atividades, com estudos na área da agroecologia. Atualmente, participa de Conselhos municipais e estaduais envolvidos com as temáticas de Desenvolvimento Sustentável.⁶

Encontros, seminári-

GEOGRAFARES

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2018
ISSN 2175-3709

3 - A IECLB teve o apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e pesca (SEAG) principalmente a partir de 2004, com a criação da Gerência de Agricultura Orgânica, trabalhando em rede no apoio ao pequeno agricultor que realizava a transição para uma produção orgânica.

4 - Por famílias pomeranas, entende-se o povo originário da Pomerânia (região histórica situada no norte da Polônia e da Alemanha) que se imigrou para o Brasil principalmente no século XIX.

5 - Outras experiências de hortas comunitárias estão em andamento, atualmente, no Espírito Santo. No município da Serra, Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), existem uma associação e um coletivo responsáveis pelo movimento, e também no Centro de Vitória. Não é nosso intuito aqui adentrar em práticas que estão fora da rede de comercialização dos alimentos orgânicos, mas vale ressaltar a existência desta experiência. Reportagem que mostra as experiências de horta comunitária no Espírito Santo, disponível em: <<http://seculodiario.com.br/32256/10/capixabas-no-mapa-mundial-das-hortas-comunitarias#.WHFKEm5LzWg.facebook>>. Acesso em 26 de fev. de 2017.

6 - Atualmente os atores que aliam esforços com o grupo são o Sítio Jaqueira Agroecologia, que realiza práticas agroecológicas desde 1987, o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alegre - SITRUA, uma parceria entre duas entidades que estão em processo de reconstrução. O grupo trabalha no apoio ao planejamento estratégico[...]

[...] do sindicato, junto a professores do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo (CCA- UFES). Outro ator é a Rede da Agricultura Familiar de Alegre (RAF) que busca em conjunto o acesso a políticas públicas na área do desenvolvimento rural sustentável. O grupo participa ainda da Rede de Educação Cidadã (RECID), que trabalha construindo uma educação popular através de oficinas, cirandas, jornadas pedagógicas com grupos historicamente vulneráveis.

7 - A ACA “representa um reconhecimento da agroecologia como traço de união entre as diversas comunidades de agricultores familiares no Norte do Espírito Santo” (SALDANHA; ANTONGIOVANNI, SCARIM, 2009, p.155).

8 - No ES, a associação com maior visibilidade midiática e com maior número de associados é a Associação de Agricultores e Agricultoras de produção orgânica e familiar de Santa Maria de Jetibá (AMPARO FAMILIAR) fundada em maio de 2001, contendo 42 associados. Anteriormente, os produtores faziam parte da APSAD-VIDA, mas por motivos pessoais, políticos e outros que não declarados em entrevista, decidiram criar outra associação. A primeira feira de “produção saudável” na qual a associação participou foi a do bairro Barro Vermelho (Vitória) em 2002, e contou com a participação de 9 agricultores.

os, congressos e conferências fortaleceram o movimento agroecológico no Brasil na década de 1980. Sales (2009) ressalta o II Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa (EBAA), realizado em Petrópolis, no Rio Grande do Sul, em 1984, como um impulsionador da agricultura alternativa no ES. Segundo a autora, deste evento foi trazida uma carta denominada “Carta de Petrópolis”, cujo cerne era um compromisso firmado dos agentes públicos do ES para com a agricultura alternativa. A partir do compromisso, Sales (2009) afirma que cresceram os subsídios e possibilidade de implementação, em 1985, no ES, do Projeto de Tecnologias Alternativas (PTA) da organização não governamental (ONG) conhecida como Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE).

A PTA/FASE, criada em 1985 com sede na capital Vitória, se transformou posteriormente na Associação de Programa em Tecnologias Alternativas (APTA), e se tornou uma entidade autônoma em 1990. A APTA mudou-se para Colatina em 2004, região noroeste do estado, devido ao aumento na demanda de trabalhos na região. Posteriormente, em 2008, mudou-se para São Mateus, pelo mesmo motivo anterior, e onde se encontra até hoje.

A organização tem uma memorável atuação principalmente na assessoria técnica aos produtores que estavam em transição da agricultura convencional para a agroecológica e no auxílio a elaboração de planos de manejo do solo de forma

agroecológica pelos produtores, elaboração de cartilhas ilustrativas sobre técnicas de plantio, de manejo com as sementes e com a terra de forma sustentável.

A APTA é financiada por instituições como a Brotfür die Welt (Pão para o mundo). A organização ajuda Igrejas protestantes regionais e livres na Alemanha em parceria com o Brasil. Inicialmente, o financiamento à Associação de Programa em Tecnologias Alternativas (APTA) era realizado pelo Serviço das Igrejas Evangélicas na Alemanha para o Desenvolvimento conhecido como *Evangelische Entwicklungsdienst* (EED), e a parceria na criação da APTA se deu entre outros, com o Grupo Kapixawa, auxiliando com oficinas sobre agroecologia. A APTA participou ainda de espaços de discussão e práticas agroecológicas da Articulação Capixaba de Agroecologia (ACA)⁷ e da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).

No fim dos anos 1980, os movimentos de produção alternativa de alimentos começaram a se organizar. Foi em Alto de Santa Maria de Jetibá que foi criada a primeira Associação de Produtores Santamarienses em defesa da Vida (APSAD-VIDA). A ideia da produção alternativa inicia por volta dos anos 1985, mas se concretiza na fundação da associação em 1989. A APSAD-VIDA foi a segunda associação de produtores alternativos criada no Brasil, segundo Sales (2009), e desde sua criação, está presente em diversas feiras, orgânicas e agroecológicas na RMGV.⁸

A associação se mostrou atuante desde o princípio, participando com membros da associação na primeira feira experimental de Tancredão, e na primeira feira orgânica, em 2002, em Barro Vermelho. A APSAD se destaca desde então na rede de produção de alimentos tendo um rigoroso processo seletivo de agricultores para fazer parte da associação.

A conexão da APSAD-VIDA com outros atores, se transformou historicamente junto com o desenvolvimento das instituições. A IECLB, e a Agência Protestante para o desenvolvimento (EZE), sendo os pioneiros na construção da rede na região serrana, assim como os sindicatos rurais. Posteriormente, em contato com consumidores que desejavam a comercialização próxima as suas residências, observamos a conexão com a Associação de moradores de Barro Vermelho (Vitória). O SEBRAE foi um fio condutor que apoiou a certificação dos produtores junto ao Instituto Chão Vivo.

O fim dos anos 1980 também é um marco de inauguração de estabelecimentos privados criados para o consumo de alimentos naturais e alternativos. O primeiro restaurante especializado na área foi o Sol da Terra, fundado em 1980 por um médico naturalista. Em 1996, mais um ponto de comercialização é aberto chamado Cio da Terra, restaurante que sustenta a prática da alimentação sem fermentação. Em 2001, foi inaugurada em Vitória, a primeira loja especializada em produtos orgânicos da RMGV,

chamada “Só orgânicos”.

A década de 1980, ganha destaque pelo desenrolar de projetos, a execução de importantes ideias como a do Hortão Capixaba, a atuação política da IECLB, a reunião da Universidade com o meio rural através do projeto do Kapi'xawa e da atuação da principal associação que irá apoiar tecnicamente os de agricultores do estado, o que demonstra a intensa mobilização dos agricultores, a Apsad-Vida. A mobilização inclusive se estende para o setor privado, vide a criação do primeiro restaurante especializado em comida “natural” da RMGV. agricultores, a APTA. É também o período que foi criada a primeira associação,

A década de 1990 é um momento de experiências embrionárias de comercialização da Agricultura alternativa na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), mas que são válidas de serem destacadas, pois apontam para o começo do contato direto entre consumidor e agricultor na capital do estado que será intensificado nos anos 2000.

No início da década de 1990, acontece a primeira feira de produção alternativa de alimentos da RMGV, no parque conhecido como “Tancredão”, localizado no centro de Vitória. Os produtores levaram o excedente da própria produção para os consumidores e aumentaram a produção gradativamente para atender as demandas. Esta feira durou pouco tempo, pois os recursos dos produtores ainda eram insuficientes para manter a comercialização na RMGV. Outros produtores

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2018

ISSN 2175-3709

também tiveram a iniciativa de comercializar os alimentos em feiras convencionais, como ocorreu em Jardim da Penha, bairro nobre de Vitória.

Em 1992, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, um evento importante no estímulo à agricultura alternativa no ES. Diversos produtores relatam sobre sua presença no evento que aconteceu no Rio de Janeiro. A APSAD e produtores individuais, foram em parceria com caminhões, levando alimentos para comercializar nos horários livres do evento.

Além do movimento interno de comercialização, esta década é marcada pela criação de instituições governamentais que irão apoiar, em um período posterior, a conversão de inúmeros produtores rurais para a agricultura orgânica.

No começo dos anos 1990, o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER) gerou uma série de pesquisas na área da produção orgânica e agroecológica de alimentos. Quando a associação “Chão Vivo” se torna certificadora, chamando-se Instituto, em 2011, o INCAPER assumiu o papel de orientação, de elaboração de pareceres, reuniões, acordos e relatórios das produções em transição que a associação acompanhava. Para atender a Lei Federal nº 10.831/2003 e o Decreto nº 6323/2007, o Instituto não poderia mais fornecer assistência técnica, apenas a certificação.

O INCAPER ainda possui laços com o Instituto Chão Vivo, apoiando, quan-

do solicitado, com técnicos que vão às propriedades realizar inspeções anualmente, de forma sorteada. No fim dos anos 1990, o Instituto ainda como Empresa, chamava-se EMCAPER e já estava atuando em conjunto com a APTA para o Desenvolvimento Local Sustentável (DLS). Apoiava as associações certificadas tanto por auditoria quanto por OCS, dando auxílio técnico quando solicitado. A Associação Tapuio Ecológico e Vero Sapore, principalmente, recebem apoio do Instituto desde sua fundação.

A Tapuio contou com o apoio da APTA e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Espírito Santo (FETAES)⁹, na formação dos produtores e assessoria técnica no período de transição da produção convencional para agroecológica. Após o suporte, a associação passou a ser certificada pelo Instituto Chão Vivo por mais de três anos. Atualmente a fiscalização é feita sem custos adicionais, pelos próprios produtores da associação, através do mecanismo de Organismo de Controle Social (OCS).

Os produtores que compõem a associação entenderam que esta forma de certificar seria mais coerente com a condição financeira e com a capacidade de auto-organização da associação. Este mecanismo de certificação permite a venda direta ao consumidor, fazendo a associação estar presente nas feiras orgânicas e agroecológicas da RMGV. A Tapuio Ecológico faz parte da CPORG, compondo a representação do setor de produção e comercialização de produtos orgânicos.

9 - A FETAES possui, em seu quadro social, 52 Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e de Assalariados (as), filiados com suas respectivas subsedes, totalizando uma média de 98% de abrangência e representação de abrangência e representação no território capixaba. (SALDANHA; ANTONGIOVANNI, SCARIM, 2009, p.158).

Com muitas similaridades, foi criada a associação de produtores “Vero Sapore”, na região sul, município de Iconha. Os produtores já trabalhavam de forma alternativa no fim dos anos 1990, mas a mudança radical para produção orgânica se deu em 2001 e, neste percurso, a associação só foi registrada em 2004. Vero Sapore também teve o suporte técnico e instrumental da APTA e do INCAPER no início da sua produção e também está presente na CPORG, representando o setor de produção e mobilização.

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), em fevereiro de 1998, em São Gabriel da Palha, norte do estado, dá início ao primeiro encontro regional no ES, contando com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) contribuindo na construção do debate e das pautas da época. A noção de agroecologia é utilizada no movimento, resistências no uso do termo que vão para além da produção de alimentos livre de venenos. O MPA tem um histórico de preservar as práticas e experiências alternativas preservando o uso de meios de produção acessíveis para os agricultores com menos recursos financeiros, que agridem minimamente o ambiente onde é produzido os alimentos.¹⁰

A associação de produtores de Santa Maria de Jetibá, APSAD-VIDA, também tinha estreitado fortes laços com o MPA, participando de reuniões conjuntas, e trocas de experiências de produção. O MPA intensifica relações também com as comunidades quilombolas

no norte do estado, e entra na luta contra a empresa Aracruz Celulose em 2004, pela identificação e regularização das terras quilombolas no ES.

Em 1999, é criada a Associação “Chão Vivo”, a partir do Fórum da Agricultura Familiar onde participaram diversos atores como: a APTA, a FETAES, o INCAPER, Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Venda Nova do Imigrante, de Laranja da Terra, de Cariacica, de Santa Maria de Jetibá, entre outras organizações. As atividades da associação neste período eram principalmente de assessoria técnica aos produtores, e financiamento para auxiliar os produtores nos processos de transição, era arrecadado de editais federais e estaduais.

Com o decorrer do tempo, a associação desenvolveu o intuito de certificar as produções orgânicas, transformando-se em um Instituto, e impossibilitando a assessoria aos produtores. Tal ação foi realizada segundo a Lei 10.831 de 2003, com base no artigo 36, que afirma: “os organismos de avaliação da conformidade credenciados para a certificação por auditoria não poderão desenvolver atividades relacionadas à assistência técnica nas unidades de produção”.

A associação teve que desmembrar, portanto, suas atividades e criar em novembro de 2010, o Instituto Chão Vivo. Atualmente o Instituto presta serviço para os produtores fornecendo a certificação das propriedades sendo a certificadora escolhida através de edital, pelo SEBRAE. A instituição é a única do estado que certifica as pro-



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2018
ISSN 2175-3709

10 - Em 2011, o MPA inaugurou parceria com a UFES a partir do lançamento e a exibição do filme “O veneno está na mesa I”, no Cine Metrôpolis, na UFES, quando foram trazidos pelo MPA produtos para vender no final da exibição. Os estudantes e professores que participavam do evento desafiaram os produtores a trazer mais alimentos e montar uma barraca como ponto de venda na UFES. A iniciativa aconteceu com o apoio do Coletivo Casa Verde, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agroecologia (NEPEA), o Programa Laboratório de Estudos Territoriais (La Terra) e o Observatório dos conflitos no campo (OCA). A barraca semanalmente presente na UFES representa o esforço de diversos professores e estudantes envolvidos nesses grupos, assim como da articulação dos produtores. O MPA também produz mais de 60 cestas para comercialização na Grande Vitória, entregues em uma casa “matriz” por bairro. O MPA possui mais duas barracas de comercialização, uma em parceria com a associação APSAD-VIDA no Morro do Quadro, Centro de Vitória, e outra em uma feira convencional no bairro Feu Rosa, no município da Serra.

priedades orgânicas e auxilia nas questões técnico-produtivas e burocráticas das normas de produção orgânica. Trabalha na produção de dois selos: certificação da produção vegetal e do processamento vegetal (de geleias, por exemplo). Participa da CPORG, compondo o segmento de “Avaliação da Conformidade”.

METODOLOGIA

O conjunto de atores apresentados faz parte do histórico da produção de alimentos alternativos ao convencional no ES. Deve-se levar em consideração, porém, que a pesquisa se deu a partir de diálogos, entrevistas, e análise de dados oriundos das feiras orgânicas e agroecológicas da RMVG. Surge uma questão, portanto, a ser esclarecida a partir desta perspectiva: a articulação que converge tempos e espaços distintos no método de pesquisa.

Por isso, cabe ressaltar que a escolha de partir da realidade do boom das feiras orgânicas e agroecológicas na RMGV se deu com o objetivo de entender os arranjos, e as malhas que foram construídas no processo de expansão do alimento orgânico nas feiras. Foram encontrados trajetos que levaram a pesquisa para outros municípios do Norte, do Sul e do Sudoeste do estado, caminhos realizados por famílias de pequenos agricultores que em outras épocas, nas décadas de 1970 a 1990, chamavam o alimento que produziam de “alternativo”, atualmente o conhecemos como alimento orgânico.

As experiências da pesquisa seguiram na tentativa de romper com um olhar estreitamente pré-estabelecido, deixando ser afetada pela vivência do campo como condição central para produção do conhecimento, assim como defende Favre et-Saada (2005). A autora afirma que agir para além de apenas observar, é participar do campo, se permitir não saber, não julgar, não trazer ou levar conhecimento, mas realizar trocas e construções de saberes. Por isso, viver a experiência e ser afetada por ela é uma tentativa não de responder apenas as questões levantadas antes de ir campo, mas deixar também que outras questões apareçam, gradualmente, no trabalho de pesquisa.

O caminho de ida a municípios do interior do ES, portanto, compõe o objetivo da pesquisa de conhecer as malhas de relações dos agricultores familiares envolvidos com a produção alternativa dos alimentos. Vale destacar que no processo, através da afetividade desenvolvida pelas relações e histórias dos agricultores, a pesquisa apresentou diversos atores envolvidos no processo, de inúmeros lugares do interior, para além dos agricultores.

O resultado da pesquisa com agricultores oriundos das feiras da RMGV, foram trajetos traçados para outros lugares, casas, propriedades, atores, instituições. Olhar para a feira orgânica hoje possibilitou a observação dos primeiros passos da agroecologia no ES, visto os caminhos percorridos pelos próprios agricultores para chegar até a comercialização atual

dos alimentos.

A partir da apresentação dos atores, obtém-se uma grande oportunidade de enxergar fluxos entre eles, antes não compreendidos no contexto da pesquisa. Para isso, foi construído um grafo em parceria com o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC) com o objetivo de aprimorar a análise com a ferramenta cartográfica de exposição visual das relações entre os atores utilizada pelo laboratório.

Foi estabelecido critérios de relações entre os atores, para ser possível qualificar os encontros. O Fomento político de expansão da produção alternativa foi o foco das relações do grafo, mas pode-se ver também o fomento financeiro da produção, por exemplo. Os atores, visualizados como instituições, foram qualificados juridicamente, tendo como maioria no grafo, Instituições públicas. As instituições de destaque, porém, foram associações civis de direito privado sem fins lucrativos, sendo elas a APTA, a APSAD-VIDA e a Associação Chão Vivo, por ordem de mais relacionamentos.

AS RELAÇÕES COMO RESULTADO

Barnes (2010) foi um dos precursores no estudo do conceito de redes, e propõe uma reflexão sobre as propriedades da rede. Apesar de escolher-se trabalhar com o conceito de malha, cabe apontar a partir de outra visão, noções metodológicas que podem auxiliar a análise.

O autor chama atenção para características encontradas no trabalho como a densidade em torno de um ator, ou seja, o fluxo intenso de relações que podem desencadear um ator principal, um “membro central, essencial” ou tornar um ator adjacente, sendo percebido como um “membro periférico”. No grafo abaixo foram apresentadas as relações de destaque e as relações periféricas construídas tendo o alimento como ator principal e mediador.

Como pode-se notar no grafo, destaca-se, a APTA como membro essencial, como grande aglutinadora de relações entre movimentos sociais, associações da sociedade civil, entidades religiosas, entre outras.

A Associação Chão Vivo (ACV), atualmente Instituto Chão Vivo e a Associação de agricultores APSAD-VIDA também ganham notoriedade no momento histórico de expansão da agricultura alternativa no estado, ambas oriundas da região serrana do ES. A primeira por fortalecer o movimento de certificação dos agricultores, e a outra, por consolidar o agrupamento e a luta conjunta dos agricultores.

Pode-se perceber a FETAES como principal espaço de relação entre os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) dos municípios da região serrana do ES e como incentivadora do crescimento das associações certificadas por OCS: Vero Sapore e Tapuío Ecológico.

A Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e pesca (SEAG), apesar de ter sido criado o setor de agricultura orgânica

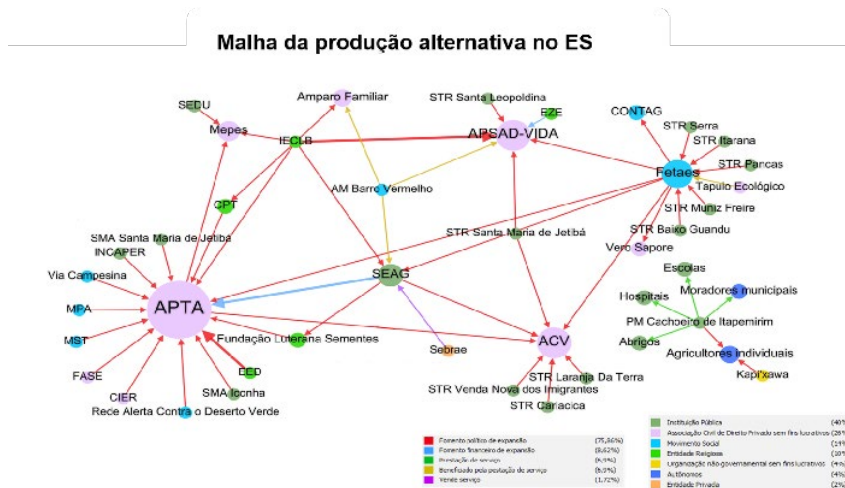


Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2018

ISSN 2175-3709

FIGURA 1 - Malha da produção alternativa no Espírito Santo



Fonte: Trabalho de campo. Grafo elaborado pela autora, e organizado por Nelson Reis (LABIC-UFES)

apenas em 2004, foi destacada aqui pela sua intensa relação com o Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (IDAF), criado em 1996, repercutindo atualmente na polêmica da paralização das feiras- em 2016, mas não será aprofundado aqui por se tratar de movimentos que aconteceram a partir da década de 2000.¹¹

Organismos como o INCAPER apontam para o potencial da agricultura incentivado pelo Estado, impactando diretamente na produção dos agricultores no final da década. Nota-se a relação do mesmo com a APTA, ambas associações trabalharam no apoio, incentivo e suporte técnico.

No olhar periférico da malha, no canto esquerdo superior pode se ver a organização dos consumidores e a relação de outros atores que contribuíram para o início do Projeto Broto. Os atores foram expostos de forma visual no mapa, para ser possível perceber como a atuação do consumidor ainda era incipiente neste período de as-

cenção da agricultura alternativa, diferente do que será visto e analisado no capítulo II, quando os consumidores tomaram um espaço central no mapa.

No canto direito inferior do grafo visualiza-se a movimentação de atores que contribuíram para a execução do Hortão Capixaba em Cachoeiro de Itapemirim, coordenado pela Prefeitura Municipal (PM). Os agricultores individuais (não associados) atuam no fomento político desse projeto. É possível notar que o movimento acontece em um ambiente periférico no mapa, pois além de localizado (sem expandir-se para outras regiões), a atividade não teve uma continuidade temporal, o que impossibilitou as ligações com outros atores e a permanência do projeto na mala.

Nota-se, que o grupo Kapi'xawa, de Alegre, tem como principal mediador dos seus projetos, os agricultores individuais. No grafo que será apresentado posteriormente, é percebido o crescimento das relações deste ator.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2018
ISSN 2175-3709

Cabe o destaque no grafo para a IECLB, que foi fundamental para o crescimento das associações APSAD-VIDA, e posteriormente na criação da Amparo Familiar. A atuação da igreja repercutiu na conscientização dos agricultores da necessidade de repensarem o modo de produção dos alimentos.

Na construção do grafo, as relações foram crescendo e se intensificando, a transformação da ACV em ICV e os novos atores com que se relacionará, não sendo mais movimentos sociais e instituições públicas, mas compradores dos serviços oferecidos pelo Instituto.

A Associação de moradores (AM) do Barro Vermelho em Vitória, no histórico de expansão da produção orgânica, foi um importante ator beneficiado pela prestação de serviços das associações de agricultores e pela SEAG no início dos anos 2000, quando conseguiram através das articulações, a construção da primeira feira orgânica no bairro.

A primeira feira orgânica da RMGV, registrada e reconhecida com o apoio da Prefeitura municipal de Vitória, foi inaugurada no bairro Barro Vermelho, em 2002. Os moradores do bairro fundaram a Associação de Moradores de Barro Vermelho (AMBV) em 2000, e pouco tempo depois, em contato com os produtores de Santa Maria de Jetibá, aliam a demanda pela feira junto à disposição dos produtores ao comércio. Segundo relatos, na época da fundação da feira, um fator importante foi realizar a feira próxima da Escola Super-

rior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia (EMESCAM), faculdade privada especializada em medicina, pois os moradores acreditavam que a saúde seria um atrativo para outros consumidores que circulavam naquele bairro.

Schmitt (2011) alerta para os diversos tipos de redes utilizadas para compreender as transformações e complexidades do rural contemporâneo, mostrando a necessidade de se entender o real significado da contribuição desse termo para a análise.

A autora aponta diferenças entre os estudos da rede nas ciências sociais, demonstrando a heterogeneidade do uso e possíveis arranjos. A abordagem da ação social na teoria do ator rede, de Latour (2007) é um exemplo, segundo ela, do esforço em repensar as forças dos agentes que tomam forma nas experiências do cotidiano, diferente do que se afirmava nas abordagens macro-estruturais que davam ênfase às forças externas ao indivíduo.¹² Nesta teoria, segundo a autora, as “redes e atores só ‘ganham vida’, de fato, através da reconstrução de determinadas cadeias de associações” (SCHIMITT, 2001, p 104), ou seja, através de um emaranhado de relações, assim como apresentado no grafo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grafo do fluxo de expansão da agricultura alternativa ilustra, não apenas conexões entre instituições, mas os caminhos, trajetórias que os humanos e não humanos traçaram

12 - LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to Actor-NetworkTheory*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2007. 301 f.

em seus percursos. Entre idas e vindas das feiras, entrevistas, conversas, foram identificados os laços do processo conforme os dados apresentados.

O ambiente da feira foi o lugar escolhido para o reconhecimento do parentesco, para a identificação dos laços e trajetos percorrido pelos atores da malha de expansão do alimento alternativo no ES (posteriormente conhecido como alimento orgânico).

O alimento é aqui o elo dos trajetos é a coisa que faz possível a malha ser representada nestes fluxos, é o que está inerente a existência destas instituições, o que faz possível a proposta desta pesquisa acontecer.

Não se trata de observar os objetos de estudo, ou os sujeitos, mas de compartilhar e habitar o mundo juntos, de estar atento à vida como a dimensão fundante que atravessa todos os seres, humanos e não humanos, agricultores, consumidores, pesquisadores, alimentos e etc. Assim, o ambiente da feira dá lugar ao movimento, ao encontro de seres vivos, que se entrelaçam e constroem histórias onde o alimento perpassa grande parte das relações.

O ambiente da feira orgânica, construído pelos diversos atores que apresentamos no decorrer deste trabalho, com suas especificidades no tempo e no espaço, é o lugar do fluxo, do movimento, das relações, de encontros, de afetos e desafetos, entre tantas outras possíveis relações que não apenas cercam os atores, mas os envolvem.

Vimos que no fim dos anos 1960 no ES e na década

de 1970, o movimento de produção alternativa se deu sobretudo, a partir da pedagogia de alternância desenvolvido pelas EFA's no interior do estado.

Nos anos 1980, as organizações que se destacam são a APTA, que apoiam tecnicamente e politicamente os agricultores; e IECLB, que fortalece o movimento dos agricultores da região serrana com apoio na transição para a agricultura alternativa; neste período, é construída a primeira associação de agricultores do estado e a segunda associação do Brasil, Apsad-Vida. Outros movimentos acontecem no sul do estado, como o Hortão Capixaba, que beneficiou um conjunto de moradores de Cachoeiro de Itapemirim.

Nos anos 1990, a experiência embrionária da feira com alimentos alternativos ao convencional no Ginásio conhecido por "Tancredão" (Centro de Vitória) foi destacada como importante passo de comercialização. Movimentos sociais como o MPA também são iniciam uma história que posteriormente, ganha evidência na produção de alimentos livres de venenos e da luta pela agroecologia como modo de vida. A Associação Chão Vivo, referência posterior em certificação no estado, foi construída nesta década e ganhando impacto pertinente a partir dos anos 2000, quando a mesma se torna o Instituto Chão Vivo, única certificadora do ES.

O alimento alternativo ao convencional leva a reflexão para a malha da produção orgânica no ES, que teve o seu boom nos anos 2000, principal-

mente a partir da Lei Federal nº 10.831/2003, que cria oportunidade de intervenção do Estado no movimento alternativo. A Lei rege, portanto, a produção, o processamento, rotulagem, e comercialização dos produtos orgânicos no país. Qualquer tipo de atividade relacionada ao alimento alternativo ao convencional, a partir deste período, segue os preceitos estabelecidos pelo Estado.

Entende-se que o trajeto da produção do alimento alternativo ao convencional se consolida a partir da comercialização dos alimentos nas feiras especializadas da RMGV. Produtores de alimentos alternativos já participavam de feiras convencionais, mas de forma pontual, sem maior representatividade. A primeira feira orgânica na RMGV, criada em

2002, no bairro Barro Vermelho- Vitória/ES se sustenta até os dias atuais, desde a sua criação, outras feiras foram realizadas e demonstram a popularização do consumo do alimento, e o aumento de transição e adequação dos agricultores a produção orgânica. Atualmente, existem 17 feiras na RMGV, incluindo as feiras agroecológicas dos shoppings, que começaram em 2015, a partir de uma iniciativa da SEAG.

A expansão da produção orgânica, portanto, se inicia com a análise da ascensão do alimento alternativo, mas cabe apontar que a malha orgânica atual não é a mesma da sua formação, cabendo por isso, um estudo mais aprofundado sobre as atuais particularidades dessa produção e comercialização orgânica no ES.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2018
ISSN 2175-3709

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BARNES, J.A. Redes sociais e processo político. In: Feldman- Bianco, Bela (org.) Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos/Bela Feldman- Bianco (org.) – São Paulo: Editora UNESP, 2010. 524p.

BRASIL. Decreto nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6323.htm>. Acesso em: 20 de mar 2017.

BRASIL. Instrução normativanº 2 de Janeiro de 2008. Disponível em <<http://www.indea.mt.gov.br/download.php?id=287521>>. Acesso em: 05 de abr. 2016.

BRASIL. Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.831.htm>. Acesso em: 03 de ago. 2016.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica; tradução WertherHolzer.-São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARÉ, Raquel. A “Crise” do Café e a Ideologia Desenvolvimentista no Espírito Santo. Dissertação de mestrado, Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, UFES: Vitória, ES, 2012.

FRAVRET-SAADA. Jeane. 1990. "EtreAffecté". In: Grandhiva Revue d'histoire et d'archives de l'Anthropologie, 8. PP.3-9. Tradução: Paula Siqueira. 2005.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jun./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002f> Acesso em jun. de 2015.

SALLES, Marcia Guelber. Construcción de Conocimientos em avicultura ecológica em Espírito Santo, Brasil: Análisis de processos y perspectivas de avance. UNIVERSIDAD DE CÓRDOBA Instituto de Sociología y Estudios Campesinos – ISEC, 2009.

SCHIMITT, Claudia. Redes, atores, e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, mai./ago. 2011, p. 82-112.2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/22438>> Acesso em 10 de març. de 2016.

WOLFF, LuisFerando. Agricultura Sustentável e Sistemas Ecológicos de Cultivo. Disponível em:<<http://www.agirazul.com.br/artigos/wolff.htm>> Acesso em 06 de mar. de 2017.